



# O G TEXTIL

ÓRGÃO DE UNIDADE DA CLASSE TÊXTIL

## AVANTE! NA LUTA

### POR AUMENTO DE SALÁRIOS

A classe têxtil ganha confiança na sua força e na sua unidade e empreende novas batalhas por aumento de salários, por melhores condições de vida.

Constituem provas desse espírito de luta a greve dos operários têxteis de Ronfe, de Mira d'Aire, da Maber, a suspensão de trabalho na Empresa Têxtil de Caniços, na Coelho Lima, as acções reivindicativas nas fábricas Salgueiros, FIL, Calandra da Vitória, Matos & Quintans, as lutas operárias de Guimarães, Campelos, Pevidém, Negpelos, Riba d'Ave, Rebordões, Braga, Fafe, contra os roubos e castigos, e contra a miséria.

Não podemos aceitar a situação que nos é imposta. Não podemos fazer face ao aumento constante do custo da vida, ganhando salários de fome, enquanto o grande patronato não cessa de enriquecer.

Nassequência de acções anteriores, de concentrações no sindicato, de diligências junto de entidades responsáveis, os operários têxteis de Guimarães, do Porto, Pevidém e da zona do Ave empreenderam nova acção reivindicativa.

Nam documento dirigido ao Ministro das Corporações e assinado por mais de 550 trabalhadores têxteis do Porto e noutro subscrito por mais de mil operários têxteis da região de Guimarães, eles requerem que sejam aumentados os salários em 60 por cento e realizado um novo contrato colectivo que ponha termo à situação angustiante em que vivemos.

Em todas as empresas onde a classe teve conhecimento do abaixo-assinado subscreevou em massa, patentando assim a sua concordância e o seu descontentamento.

Para que o nosso pedido seja atendido impõe-se que nos unamos, nos

organizemos e lutemos junto do Ministro das Corporações, do delegado do INT, do sindicato e das entidades competentes, promovendo concentrações numerosas de trabalhadores que, com a sua comissão de Unidade, façam ouvir a voz da classe.

A pressão da classe e a luta que vimos conduzindo já levaram o pa-

(continua na pág.º 2)

## Exijamos eleições

### TO SINDICATO DO PORTO

Em fins de 1959, princípios de 1960, o sindicato têxtil do Porto devia realizar eleições e apresentar o Relatório e Contas. Estamos quase no fim do ano e nem uma nem outra foram feitas. Evidentemente que estas dual flagrantes ilegalidades não se podiam dar sem a sanção do delegado do I.N.T. e do Ministro das Corporações.

O grupo de indivíduos que se encontra à frente do Sindicato, e que não foi lá posto pela classe, manteve-se sempre alheio aos nossos pedidos de aumento de salários, nos roubos, às arbitrariedades e à exploração a que somos submetidos.

Como serventários do patronato eles têm cumprido a sua vergonhosa função. A nossa quase total indiferença pelo sindicato tem-lhes deixado as mãos livres. Esta posição nada de útil tem trazido à classe.

(continua na pág.º 2)

## OUVINDO AS ASPIRAÇÕES

### DOS TÊXTEIS DA COVILHÃ

Sentámo-nos à mesa da casa pobre nos arredores da Covilhã. O nosso

companheiro acabava de regressar do trabalho. Pusémos-lhe a questão:

— Está disposto a conceder-nos uma entrevista para «O Têxtil»?

— Com muito gosto. É o jornal da classe. Muitos aqui o conhecem.

— Afagou com a mão caalejada a face de barba crescida.

— Diga-nos. Quais são as aspirações da classe têxtil na Serra da Estrela?

— Antes de tudo a do aumento de salários. Ganhamos pouco e o aumento de 25 por cento que nos foi trazido pelo último contrato colectivo está muito longe de satisfazer as nossas necessidades elementares: alimentação, vestuário, habitação, educação dos filhos. Tudo sobe, tudo encarece. A classe está profundamente descontente.

— Que outros problemas tem a classe a colocar?

— Ainda referente ao contrato colectivo quero dizer-lhe que ele precisa de ser rapidamente renovado, com a participação activa da classe, que deve ser chamada a discutí-lo. Desejamos que termine a redução a 80 por cento no mínimo semanal de 5 ou 6 dias e o regime de 4 dias. Tem que ser abolida a cláusula 47.ª, que anula o gozo de férias quando, por motivos de doença, se atingem as 60 faltas. É preciso acabar com o trabalho nocturno para as mulheres, que as expõe a perigos e as afasta do lar. Problema semelhante se coloca para os jovens. No que se refere às mulheres somos pela divisa. «A trabalho igual salário.» Desejamos que o período de aprendizagem não vá além de 3 anos, terminando assim com a categoria dos estagiários.

Nas empresas desejamos ser tratados como homens e não como escravos. Queremos que não nos roubem ainda mais obrigando-nos a trabalhar horas extraordinárias, sem nos pagarem os 50 por cento. E queremos também que respeitem o horário de trabalho, o que muitos patrões não fazem. Necessitamos de condições higiénicas nas fábricas, incluindo a instalação de balneários e de retretes em condições. Precisamos de oficinas arejadas e com boa luz.

E encerrando a entrevista afirmou-nos:

— Diga no TÊXTEL que nós somos uma força se nos unirmos e lutamos.

(continua na pág.º 2)

## SOLIDARIEDADE INTERNACIONAL

As lutas da classe operária portuguesa encontram apoio e simpatia da classe operária dos outros países.

Ainda recentemente a Federação Sindical Mundial e a União Internacional dos Sindicatos Mineiros testemunharam aos mineiros de Aljustrel, quando da heroica luta que conduziram, a sua solidariedade activa, bem como aos trabalhadores portugueses, condenando, ao mesmo tempo, os métodos de violência e de terror utilizados pelo governo de Salazar.

A F.S.M. enviou à classe operária portuguesa e em particular aos mineiros de Aljustrel um importante auxilio material. Aqui acentuamos o facto, pelo significado e valor que possui nas lutas dos trabalhadores de Portugal por melhores salários, por melhores condições de vida.

Na medida em que as lutas da classe operária portuguesa ganham projecção internacional e despertam a solidariedade dos trabalhadores do mundo inteiro, as forças da repressão salazarista, empregadas contra os trabalhadores, sentem muito mais dificuldade em utilizar os métodos de violência que as caracterizam.

### Ouvindo as aspirações...

(continuação da pág.<sup>a</sup> 1)

A defesa dos nossos interesses assim o exige. É uma tarefa fundamental. Não é o patronato que virá em nossa ajuda. Somos nós que temos de lutar se queremos sair da miséria em que a exploração nos colocou. A Unidade e a luta devem ser o nosso lema.

### Avante por aumento

(continuação da pág.<sup>a</sup> 1)

tronato e reunir-se recentemente na Associação Industrial do Porto, para analisar o problema dos salários, mas os aumentos que pretendem conceder-nos são irrisórios, para nada dão.

Por isso a nossa luta deve continuar, até conseguirmos um aumento de 60 por cento e um novo contrato colectivo, discutido e elaborado pela classe.

Avante! Têxteis! Na nossa justa luta por melhores salários.

## A exploração nas empresas do Porto

Na FÁBRICA DO BADOLAS, o pessoal trabalha de empreitada mas ganha à jorna. As operárias que trabalham com 4 teares manuais ganham 26\$50 e têm de fazer 160 metros de tecido por dia. As que trabalham com 3 teares ganham 24\$50 e têm de fazer 120 a 129 metros diários. Este ritmo de trabalho arraza as operárias e vai-lhes minando dia a dia a saúde. Operárias do Badolas! Formai uma comissão de empresa que, apoiada por todos, exija que vos seja distribuído o trabalho de acordo com o vosso salário. Recusai-vos a fazer a quantidade de metros estabelecida pelo patrão.

Na FONCAR, em Junho-Julho foram despedidos 65 operárias e

operários, alguns dos quais com 12, 13, 15 e 17 anos de casa. Vários companheiros despedidos não se conformam com isso e exigem o respeito pelos seus direitos, numa carta colectiva que enviaram ao patrão. Estes companheiros dão mais um exemplo de que não nos devemos conformar passivamente com as arbitrariedades patronais, mas sim reclamar sempre para que sejam respeitados os nossos direitos de trabalhadores.

## INFORMAÇÕES

### DE NEGRELOS

Na empresa de TECIDOS DA PONTE NOVA, um operário que foi preso, acusado de fogo posto, não recebeu o abono de família da fábrica, durante dois meses. Quando safu reclamou-o, mas na fábrica disseram-lhe que tinham devolvido o dinheiro à Caixa. Nesta afirmaram que já o tinham pago, o que de facto se verificou. No escritório assinaram por ele e ficaram-lhe com o dinheiro. Reclamando de novo junto do patrão, este recusou-se a devolver-lhe o abono, dizendo-lhe que só pagará por ordem do Tribunal de Trabalho.

## RUBRICAS

### para «O Têxtil»

Arso	15\$0
Amigo do Povo	20\$00
Contra e automatização que gera o desemprego	17\$50
G.N.	10\$00
Inicia lutadora	2\$50
Inicia lutadora	12\$50
J.R.	1\$00
Homem dos presentes	3\$00
M. auxilia «O Têxtil»	50\$00
Novas amigas de «O Têxtil»	99\$50
Novas amigas de «O Têxtil»	27\$50
Os que lutam pela liberdade	7\$50
Os que lutam pela liberdade	30\$00
Os quatro irmãos de luta	1\$00
Operários subsidiados «O Têxtil»	15\$00
Para «O Têxtil»	12\$50
Peixe V	1\$50
Pela demissão de Salazar	2\$50
Pela libertação de todos os presos políticos	45\$00
Pela queda do fascismo	25\$00
Pela queda do fascismo	25\$00
Têxteis lutadores	7\$50
Tintureiro democrático	20\$00
Uma amiga de «O Têxtil»	1\$50
Uma amiga de «O Têxtil»	80\$00
Uma família amiga	20\$00
Um grupo de trabalhadores liberais	12\$00
Um têxtil	5\$50
Zé Manuel	5\$00
TOTAL	675\$00

## VIOLÊNCIAS EM CAMPELOS

O engenheiro da FIAÇÃO & TECIDOS DE CAMPELOS, além de ser já conhecido pela desenfreada exploração a que submeteu os operários, destaca-se ainda mais pelo seu comportamento indigno. Desta vez agrediu selvaticamente à bofetada um rapazinho e despediu-o ainda por cima. Uma tal violência causou grande indignação entre os operários.

Têxteis da Fiação de Campos! Uní-vos e lutai contra a exploração e os actos de violência que têm sido cometidos nesta empresa. Formai barreira contra este carrasco dos aprendizes, exigindo junto ao gerência que ele tenha um tratamento humano para o pessoal.

## Exijamos eleições...

(continuação da pág.<sup>a</sup> 1)

Os actuais dirigentes do nosso sindicato desde há muito que se divorciaram da classe e presentemente colocaram-se à margem da lei e dos Estatutos. Por isso eles não têm nenhuma condições para representar a classe, em quaisquer actos.

Travemos conversações, desde já, em todas as empresas, para encontrarmos os homens e mulheres capazes de serem os dirigentes do nosso sindicato. Elaboremos a lista a apresentar às eleições, apoiada pelo maior número de sócios, com a sua situação em dia, e vamos todos ao sindicato exigir que sejam cumpridas a lei e os Estatutos, que seja marcado o dia para as eleições e para a apresentação do Relatório e Contas.

## que vai pelas empresas

### MULTAS E CASTIGOS EM GUIMARÃES

O encarregado do laboratório, da secção de acabamentos da fábrica de TECIDOS DA CRUZ DA PEDRA, levou o patrão a despedir um operário que é muito estimado na empresa e bem conceituado no meio vimanarense. Conseguiu também castigar um outro operário e uma operária, passando ambos para três dias de trabalho por semana.

—Na fábrica de TECIDOS DOS HORTAS, o mestre continua a fazer pouco dos operários e a castigar o pessoal com dias de trabalho.

—Na FÁBRICA DE VILA POUCA sucedem-se as multas. As obras são deixadas abaixo e de tal modo que o pessoal não chega a obter o salário normal. Uma tecedeira, que fez 3 rolos de popeline, viu a obra deixada abaixo pelo próprio patrão, o Pimenta Machado, de modo que a tecedeira levou de férias 9\$00.

—Na FÁBRICA MINHOTO não pagam às operárias o subsídio de parto. Quando alguma reclama o dinheiro, o patrão ameaça-a com o despedimento!

—O patrão da FÁBRICA FRIOLAX recua na sua perseguição ao pes-

soal, mas encarregou a mestra Carlota de o fazer. Estando uma operária a perguntar a outra como lhe corria o serviço, a Carlota, vendendo-lhe de longe bulir os lábios, castigou-a com 8 dias.

Este acto da Carlota causou grande indignação entre o pessoal.

—A FÁBRICA MADRO DE ANTERO CASTRO não paga subsídio de parto nem de casamento, nem paga aos artistas os salários da lei. Uma operária de 28 anos que lá trabalha há 10 meses, que entrou com cartão de operária, ganha 8\$00, ou seja o salário de aprendiz. Reclamou o salário de 22\$50. O patrão, em resposta, insultou-a com palavras e ameaçou-a de pancada.

As operárias trabalham 6 dias, recebem 3 e ainda sofrem multas sem sequer saberem a razão.

## Actos abusivos

### na fábrica Salgueiros

Na SALGUEIROS, as arbitrariedades e a exploração persistem. Recentemente os patrões mandaram fechar as retretes 10 minutos antes do início do trabalho para serem reabertas só 10 minutos depois de iniciado o trabalho. Como o pessoal não concordasse um grupo de mulheres protestaram junto do mestre contra esta arbitrariedade justificando este que eram ordens do engenheiro.

Companheiras da Salgueiros! Uni-vos e formai uma comissão que, apoiada por todas, exija do patronato a terminação dos roubos, das arbitrariedades e da exploração desenfreada e vergonhosa que reina na fábrica.

## Ilegalidades na Serra da Estrela

Na firma MOURA & BATISTA, em TORTOZENDO, continuam a não cumprir o contrato colectivo de trabalho. Ainda recentemente um operário teve de agir com energia para que lhe fosse paga uma enroladela de uma teia com mais de 65 metros, por 9\$50, como reza o contrato, em vez dos 4\$80 que o patrão lhe pretendia pagar.

Na mesma firma o patrão tudo faz para descontar do salário dos operários a férias que lhes paga, quando tem de completar a jornada que manda a lei. Alguns tecelões já foram vítimas desta burla, por causa da sua idade um pouco avançada, mas outros mais conscientes têm agido, apesar das ameaças.

Nesta empresa várias mulheres enchedeiras de cancelas adoeceram

recentemente. Os patrões, em vez de contratarem as respectivas substitutas obrigaram as poucas operárias que restavam a fazer o trabalho todo.

Estas, apesar da insistência com que pediram ao patrão para pôr mais pessoal, não conseguiram ver satisfeitos os seus pedidos, sendo forçadas a aguentar um trabalho exaustivo.

Na EMPRESA INDUSTRIAL DE UNHAIS DA SERRA, o mestre é um homem sem dignidade, que merece o desprezo de toda a gente honrada. Ainda há pouco tempo, escendendo torvos propósitos, obrigou algumas mulheres a irem à empresa ao domingo para fazerem a limpeza e apanhando uma humilhação solitário tentou abusar dela.

## Arbitrariedades

### em Rebordões

Na fábrica FIGUEIREDO & MAIA os operários não escondem o seu descontentamento por não terem ainda sido aumentados, apesar de dois pedidos que já fizeram.

Nesta empresa, como em outras, fazem-se sentir os castigos sem nenhuma justificação. Um operário foi despedido, porque o porteiro, que fechou a porta 7 minutos antes da hora, se foi queixar ao mestre Joaquim Baltar, «O Pilatos», de que ele estava cá fora a protestar. O mestre «Pilatos» é um verdadeiro carrasco para os operários. Espanca os aprendizes e tem mesmo agredido homens casados.

Nesta empresa os encarregados têm ordem para apontar os minutos que os homens demoram a fazer as suas necessidades.

Na fábrica ARAÚJO GONÇALVES, os operários chegam a aguardar duas horas para irem à retrete. Em virtude desta determinação sucedeu que uma mulher esperou tanto tempo que quando pode ir sujou o caminho todo.

## ORGANIZEMOS ACÇÕES COMUNS

As castigos, os roubos, a exploração, respondamos com acções comuns, com a unidade dos trabalhadores da mesma secção, da mesma empresa, da mesma localidade, da mesma região.

Os operários e operárias a quem retiram, em cada semana, umas dezenas de escudos dos seus ganhos escassos, para com eles aumentarem os lucros dos patrões, labutam como nós e como nós são explorados.

A empresa é a cidade onde devemos travar o maior combate. A nossa união e a nossa firmeza, ante cada abuso dos nossos exploradores, porá cobro aos enxovalhos, aos roubos, aos castigos que diariamente tombam sobre nós.

Concentrações de protesto de todo o pessoal, paralizações de trabalho, são formas de luta que devemos empregar para ganharmos esta batalha pelo fim de cada dia, contra a exploração e a miséria.

## UMA VITÓRIA DOS TÊXTEIS DA SERRA DA ESTRELA

Havia 15 anos (15 anos, reparai bem!) que se não realizavam eleições no sindicato dos têxteis de lapifícios da Covilhã. Governava-o uma comissão administrativa que não gozava nem da confiança nem do apoio da classe.

Durante estes longos anos, os nossos companheiros insistiram inúmeras vezes para se pusesse fim a esta situação anormal e se realizassem eleições. Este mesmo pedido foi formulado ao ministro das Corporações, que durante anos fingiu ignorá-lo.

A pressão das massas forçou por fim os dirigentes corporativos a modificar uma situação verdadeiramente vergonhosa, para quem se empenhava em ignorar a vontade da classe.

Em 12 de Setembro foram realizadas eleições. Defrontaram-se duas listas: uma apresentada pelos trabalhadores, outra da Comissão administrativa. O resultado final foi bem significativo. A lista da classe foi eleita por mais de 600 votos, enquanto os candidatos oficiais obtiveram apenas 13 votos.

A unidade da classe e o esforço empreendido durante anos não fo-

### Luta em Riba d'Áve

Quando os operários de uma empresa ou de uma secção lutam em conjunto contra as violências e arbitrariedades que caem sobre um companheiro, o patronato e os seus serventuários são forçados a mudar de atitude.

Foi o que sucedeu recentemente na FÁBRICA OLIVEIRA FERREIRA em RIBA D'ÁVE, onde o mestre Álvaro Machado resolveu castigar arbitrariamente 1 serralleiro.

Os têxteis da OLIVEIRA FERREIRA, manifestaram publicamente a sua indignação contra este despedimento, elaboraram um manifesto que fizeram distribuir na empresa.

A sua acção, unidade, e firmeza levaram o patrão a despedir o mestre Machado, facto que nunca teria sucedido se o movimento de solidariedade não tivesse tomado uma tal amplitude.

Quanto mais unidos e mais firmes formos, mais garantias de sucesso teremos na luta contra aqueles que nos exploram, nos roubam e nos querem ainda por cima amordaçar.

ram em vão. Esta vitória deve ser assinalada como um exemplo da persistência e do esforço que é necessário empreender pelos trabalhadores têxteis para conseguirmos ver realizadas as nossas aspirações.

Os sindicatos são um campo de acção que devemos saber utilizar, trabalhando para que à sua frente se encontrem homens fiéis aos interesses da classe. Esforcemo-nos para que os sindicatos se transformem, de organismos ao serviço do patronato e do governo, em organismos ao serviço dos trabalhadores, realizando as reuniões, ajudando as direcções honestas, combatendo os que atraíam os interesses da classe.

Que em todos os sindicatos se realizem eleições honestas!

### VITÓRIAS DOS TÊXTEIS

Mercê da sua luta os operários da FÁBRICA COELHO & LIMA de PEVIDEM foram aumentados 20 por cento nos seus salários.

Tamém na FÁBRICA CALANDRA DA VITÓRIA no Porto, os têxteis tiveram um aumento de 3800 e 4800, em consequência da acção que empreenderam junto dos patrões.

Estas vitórias demonstram que a luta dos trabalhadores nas suas empresas é condição segura para a obtenção de melhores salários e de melhores condições de vida.

### Acção dos têxteis DE DELÃES

É dos nossos baixos salários que saímos ordenados do pessoal da Caixa de Previdência, incluindo o dos próprios médicos. Por isso nós temos direito a uma assistência médica condigna e a um tratamento conveniente.

Mas nós pensamos assim os senhores de muitas Caixas de Previdência, que nos tratam com arrogância e desprezo, incluindo os da Caixa de Previdência de Delães.

Nesta Caixa, ultimamente, os empregados e médicos levaram tão longe a sua insolência contra os doentes que deram origem a um grave conflito. No meio do estado de tensão que se criou estes «senhores», que estão ali para servir os operários com a devida correcção, resolveram chamar a G.N.R., que entrou, segundo é seu costume, de maneira brutal e vexatória. Esta atitude, longe de acalmar os ânimos, excitou-os ainda mais.

Exijamos que sejam castigados os provocadores da Caixa de Previdência, que além de mostrarem o maior desprezo pela saúde dos operários, ainda os insultam e provocam, chamando em seu socorro a G.N.R., para actuarem contra as vítimas das suas atitudes insolentes, da sua má-criação.

### COMEMORAÇÕES DO 5 DE OUTUBRO

A classe operária esteve mais uma vez presente nas manifestações do 5 de Outubro, apesar da acção das forças repressivas que por ordem do governo tudo fizeram para as impedir.

Diante dos portões guardados por forças policiais no cemitério do Alto de S. João, em Lisboa, no cemitério do Prado do Repouso, no Porto, no cemitério de Guimarães, onde foram instaladas metralhadoras, no de Braga, onde a força pública só permitia a entrada de cinco pessoas, nós procurámos prestar sentida homenagem aos que se bateram pela Liberdade e a Democracia na nossa Pátria.

Novas lutas e novas acções aguardam a classe operária, aguardam o povo português. Os verdugos do povo, os exploradores do nosso braço, os governantes salazaristas, querem impedir a todo o custo que os trabalhadores portugueses conheçam dias melhores na sua vida. Mas não há hoje forças no mundo que se possam opor ao triunfo da Democracia em Portugal, à conquista do Pão e da Liberdade, a que aspiramos.

O êxito de uma tal batalha depende da unidade e da coragem com que a soubermos travar, da unidade das forças que se opõem a Salazar.

A classe têxtil saberá cumprir o seu dever, lutando nas empresas, reforçando a sua acção junto do patronato e dos organismos corporativos, criando as suas comissões de Unidade, organizando por toda a parte a sua luta por melhores salários, contra os roubos e os castigos, pelo Pão e pela Liberdade.